

TERNO DAS ALMAS DE IGATU DE XIQUE-XIQUE: TENSÕES SOCIAIS E SOBREVIVÊNCIA DE UM RITUAL RELIGIOSO NA CHAPADA DIAMANTINA

Luciana Onety da Gama Sobral*

Resumo: *Este artigo é o resultado parcial de uma pesquisa que vem sendo desenvolvida na vila de Iगतú de Xique-Xique, na Chapada Diamantina, Bahia, tendo como objeto central o ritual religioso denominado Terno das Almas, realizado durante a Quaresma por moradores locais. O Terno, patrimônio cultural imaterial da comunidade, após um interregno de 23 anos em que permaneceu “adormecido”, retornou sob novas condições históricas e vem se ressignificando frente ao desafio da modernidade. Pretendemos analisar a riqueza que permeia as representações mentais, sociais e religiosas dos elementos da comunidade que giram em torno do ritual, pois este vem se revelando muito mais do que apenas um espaço para a prática religiosa. O Terno das Almas é também um locus de sociabilidades, de conflitos, de tensões sociais e de incorporações, que amalgamados, permitiram que a tradição fosse renovada.*

Palavras-chave: Ritual; Tradição; Modernidade.

INTRODUÇÃO

A Chapada Diamantina é palco, durante o período da Quaresma, de um ritual religioso que mistura variados elementos simbólicos e religiosos. Trata-se do Terno das Almas da vila de Iगतú de Xique-Xique. Durante 40 dias, um grupo de moradores sai à noite, sob a liderança de uma mulher, em peregrinação rumo a lugares ermos da região, envoltos em lençóis, para recitar benditos em homenagem aos mortos, que são “acordados” pelo som estridente de uma matraca.

Inicialmente, traçaremos um breve histórico da vila de Iगतú, seguido de uma análise do Terno das Almas desde as primeiras décadas do século XX até seu “adormecimento” de 23 anos. Em seguida, abordamos o retorno deste ritual e os conflitos advindos do confronto entre as antigas tradições e o desafio das novas incorporações. Concluiremos analisando a relevância do Terno e seus constituintes para a comunidade. Propomos através deste breve artigo, desvendarmos algumas estratégias empreendidas pelos sujeitos envolvidos no Terno para que a revitalização fosse possível e como as noções de tradição e permanência chocam-se no imaginário e na prática destes elementos sociais frente ao desafio da ressignificação de suas tradições.

UM BREVE HISTÓRICO DA PEQUENA VILA DE IGATÚ DE XIQUE-XIQUE

Iगतú de Xique-Xique é uma pequena vila, localizada na Serra do Sincorá na Chapada Diamantina, quase 1.000 metros acima do nível do mar, distante 13 km de seu município sede, Andaraí, Bahia. Suas vias de acesso limitam-se a duas: uma estrada de pedras, que segundo um

* Discente do curso de História da Universidade Católica do Salvador. Autora. E-mail: lucianaonety@yahoo.com.br. Orientadora: Profª Drª Vilma Nascimento dos Santos.

guia da região¹, Nário S., residente em Andaraí, foi construída em parte por escravos, ou através de uma trilha íngreme, no meio da mata, para quem tem fôlego de caminhar por cerca de quatro horas. Atualmente, a vila é conhecida por turistas e amantes da natureza como um refúgio de paz e tranquilidade devido a seu isolamento geográfico e natureza exuberante. Mas Igatú nem sempre teve esta fama, pois segundo o corógrafo Gonçalo de Athayde Pereira (1937, p. 79) surgiu como um efervescente centro de exploração diamantífera durante a segunda metade do século XIX e chegou a contar com alguns milhares de habitantes vindos principalmente do Grão Mongol (Minas Gerais), sedentos de fortuna, que “multiplicou a população existente” (GOMES, 1952, p. 227).

Entretanto, com o esgotamento dos veios diamantíferos e o conseqüente fim do ciclo do diamante por volta dos anos 40 do século XX, Igatú quase virou uma cidade fantasma. Garimpeiros deixaram suas casas, jovens migraram para cidades vizinhas em busca de emprego, dezenas de casas foram abandonadas, portas, janelas e telhados arrancados formavam um cenário de devastação e abandono, que foi devidamente registrado nas fotos tiradas na década de 70 pelo fotógrafo Rino Marconi, quando em visita pela região e que fazem parte do calendário de 2005 da Galeria Arte & Memória, de Igatú. Naquela época, a vila não possuía mais do que 170 habitantes que tinham como principal atividade econômica a coleta e venda da planta nativa *Syngonanthus mucugensis* *Giulietti* ou Sempre-viva de Mucugê², apanhada nas proximidades do município de mesmo nome. Segundo uma moradora de Igatú, Danúsia dos Santos³ a vida dos coletores era muito difícil pois demandava enorme sacrifício e tempo, porém, era a única opção de sobrevivência econômica para a maioria dos moradores da região. Ela relata que:

Igatú estava acabada e nós vivia de coletar a Sempre-viva que a gente colhia em Mucugê. Não tinha outra coisa pra gente fazer. A gente levava até 15 dias embrenhado no meio dos mato, era um sufoco danado. Meus pais colhia os fardo, aí nós vendia tudo para os comerciantes da cidade, Seu Otávio, o Guina e o Seu Juraci, que vendiam pra Brasília, eu acho.

Com a criação do Parque Nacional da Chapada Diamantina em 1985, do Projeto Sempre-viva em 1996 e do tombamento de Igatú pelo IPHAN em 2000, a vila voltou-se para o ecoturismo como nova fonte de renda para a comunidade. Com o impulso advindo do turismo, Igatú voltou a crescer e hoje, conforme Amarildo dos Santos⁴, comerciante e escritor da vila, “Igatú conta com 364 habitantes”. Dona Danúsia, que testemunhou a decadência da vila, também assistiu este crescimento decorrente da mudança de foco econômico e conta-nos os efeitos sentidos em sua vida e na dos moradores da comunidade:

Com a chegada do turismo, ninguém mais ficou sem trabalho. Os homens foram trabalhar como pedreiro, marceneiro, guia de turista e as mulheres como empregada nas casas dos turistas que vem morar aqui ou outra coisa qualquer. Eu mesma trabalho no Centro Cultural e de lá tiro meu sustento. Nós não precisa mais pegar flor para viver. Acabou aquele sufoco todo.

¹ Depoimento cedido em 21/01/2008 em Andaraí.

² De acordo com o site www.projetosempreviva.com.br, visitado em 07/07/2008, a planta Sempre-viva é endêmica da região e nos anos 90 estava ameaçada de extinção devido a três décadas de coletas indiscriminadas. Nos anos 60 a exportação para o mercado europeu atingiu as 30 toneladas anuais, com cotações altíssimas, chegando o valor a atingir 500 euros por apenas meio quilo da flor.

³ Depoimento cedido por Danúsia Leite dos Santos, 49 anos, moradora de Igatú, em 22/03/2008 na sua residência.

⁴ Depoimento cedido por Amarildo dos Santos, comerciante e morador de Igatú em 22/03/2008 na sua residência.

O ecoturismo, enquanto atividade turística e econômica alternativa, cada vez mais freqüente em áreas de concentração de riquezas naturais, insere-se na proposta de preservação do patrimônio natural e cultural de forma sustentável, mitigando os impactos ao meio ambiente e humano através da conscientização ambiental. (BRITO, 2005). Em Igatú, o melhor exemplo de patrimônio cultural a ser preservado é o Terno das Almas, uma tradição antiga segundo moradores da vila e que é o foco deste estudo, merecendo, a partir deste ponto, uma análise detida envolvendo sua história e relevância.

O TERNO DAS ALMAS E SEU “LONGO SONO” DE DUAS DÉCADAS

Em algumas regiões do sertão baiano é muito forte a presença de manifestações do catolicismo popular que “incorporou em largos traços as expressões medievais do catolicismo português” (SILVA, 1982, p. 14), a exemplo do Terno das Almas de Igatú de Xique-Xique. Por todo o vale do Rio São Francisco e adjacências existem inúmeras referências ao ritual da alimentação, lamentação ou encomendação das almas. O pesquisador, sociólogo e antropólogo Donald Pierson⁵, apontou a existência desta procissão em seus estudos realizados na região do Vale do Rio São Francisco, no início dos anos 50:

Constituída de uma curta jornada feita em várias ocasiões durante a Quaresma ao longo de um caminho pré-determinado com sete paradas, em cada uma das quais são oferecidas orações, é em parte semelhante, se não idêntica, à jornada ao longo da Via Sacra e às preces (...) cantadas em vez de faladas. Em determinados intervalos usa-se também uma matraca. (...) considerada um esforço da parte dos vivos para auxiliar as almas dos mortos no Purgatório. (PIERSON, 1972, 146).

O relato de Pierson encontra similaridades com a ritualística apresentada no Terno das Almas ora analisado, como por exemplo, na citação das paradas, no uso da matraca, na tradição das preces cantadas, ou benditos e no objetivo religioso, qual seja, auxiliar as almas dos mortos.

Buscando analisar mais profundamente esta expressão religiosa e cultural da vila, procuramos antigos moradores de Igatú, que porventura se recordassem do Terno nos idos das décadas de 40 e 50, no que nos deparamos com as irmãs Monteiro, Dávia e Angelita, que nasceram e foram criadas na vila, dela só se ausentando durante os anos de escola. Elas se recordam do Terno no seu tempo de juventude e dos entraves morais que impediam a sua participação. Dona Angelita⁶ lembra-se que:

No tempo de meu pai e de minha mãe já existia o Terno e muita gente daqui fazia, mas a gente não participava. Naquela época a educação era mais rígida, meu pai não deixava a gente participar porque era de noite...e moça donzela não podia sair à noite. Mas era tão bonito...

Dávia Monteiro⁷ reitera e complementa o raciocínio da irmã, fornecendo maiores detalhes sobre os costumes da vila naquela época:

⁵ Donald Pierson (1900-1995) nasceu em Indianapolis, Indiana, EUA. Ph.D. pela Universidade de Chicago, trabalhou como professor na Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo, onde lecionou Sociologia e Antropologia Social no período de 1939 a 1959.

⁶ Depoimento cedido por Angelita Monteiro em 22/01/2008 em sua residência em Igatú.

⁷ Depoimento cedido por Dávia Monteiro em 22/01/2008 em sua residência em Igatú.

É porque moça solteira, de família, não podia sair de noite depois das dez horas sozinha, era proibido. Só acompanhada dos pais ou de uma pessoa mais velha. Como nossos pais não iam, a gente também não podia ir. A gente via pela janela os penitentes passarem...

Estas memórias são corroboradas pelo depoimento de Danúsia dos Santos⁸, “... minha avó fazia o Terno e minha mãe também e ela me levava com ela, eu era pequenininha...”. As informações colhidas das três depoentes nos permitem concluir, que a vila de Iगतú vivia, nas décadas de 40 e 50, sob códigos morais rígidos, impostos pela autoridade paterna, onde havia espaços interditos às mulheres consideradas ‘de família’ e, conseqüentemente, o Terno, ainda que inserido no cotidiano religioso e no imaginário cultural da comunidade, condicionava-se a participação à obediência a determinados preceitos de ordem moral.

Segundo os depoimentos de Danúsia dos Santos e Antônia Santana Silva⁹, nos anos 70, havia dois ternos em Iगतú. Ambos saíam às ruas, durante a Quaresma, iniciando na sexta-feira após a quarta-feira de cinzas e terminando na sexta-feira da Paixão. O ritual repetia-se todas as segundas, quartas e sextas, sempre à noite, a partir das 22:00 hs e estendia-se até por volta da meia-noite, uma hora da manhã. A procissão, elemento comum na devoção popular brasileira (AZZI, 1978), envolvia dezenas de pessoas, homens e mulheres envoltos dos pés à cabeça em lençóis brancos e consistia em se fazer sete paradas ou estações em pontos estratégicos na periferia da vila (cemitérios, cruzeiro) onde benditos em homenagem às almas eram entoados, sendo que a última parada deveria sempre ser realizada na porta da Igreja de São Sebastião, padroeiro de Iगतú. Entre uma estação e outra, o silêncio e a contrição reinavam absolutos, sendo quebrados apenas pelo som impactante da matraca, tocada pela líder do Terno.

Os ternos evitavam se encontrar devido às diferenças culturais e de classe reinantes em cada um. Um era conhecido como **terno limpo** por ser realizado por moradores da vila enquadrados nos rigorosos padrões morais tradicionais da comunidade, homens e mulheres casadas e solteiras acompanhadas de seus pais ou por alguma mulher mais velha. A chamada “dona do terno”, ou seja, a que detinha a matraca, era Dona Isabel. Já o outro terno, **o sujo**, comandado por Dona Dudu, contava com a participação de elementos considerados de conduta moral repreensível na comunidade, como por exemplo, prostitutas e homossexuais e revela uma maior flexibilização moral em meio aos rigores impostos por alguns elementos da vila. Dona Danúsia revela-nos detalhes do terno sujo¹⁰ e de seus participantes:

Havia até um homossexual no terno sujo, Joaquim de Ireño, que vivia da venda de bolinho e brevidade na vila (...). O terno sujo era comandado por Dona Dudu que recebia todo mundo no seu terno: prostituta, viado, mulher separada, todo mundo. Qualquer um podia participar.

Estas informações revelam-nos aspectos fundamentais acerca do Terno das Almas. Muito mais do que apenas um espaço reservado ao sagrado, o Terno configura-se num território repleto de subjetividades (ROLNIK, 1992) que expõe as tensões sociais existentes na vila, bem como, a forma como o padrão de comportamento moral dominante, cria fronteiras simbólicas e reais, forjando preconceitos e fomentando a intolerância social e a marginalização devido a uma

⁸ Depoimento cedido por Danúsia Leite dos Santos em 22/01/2008 na sua residência em Iगतú.

⁹ Conhecida como Dona Tonha, nascida em Iगतú, tem 51 anos. Depoimento colhido em sua residência em 21/01/2008.

¹⁰ Depoimento cedido por Danúsia Leite dos Santos em 22/01/2008 na sua residência em Iगतú.

atividade de rejeição das alteridades. Esta postura é comum em comunidades conservadoras e arraigadas ao seu passado histórico (SENNÁ, 2002), refratárias às mudanças e ao convívio com elementos que adotem atitudes não condizentes com as tradicionais ou costumeiras. Deduzimos ainda, que, os segmentos marginalizados da comunidade criaram, estrategicamente, uma teia de solidariedade e resistência, que lhes permitisse vivenciar a experiência do sagrado dentro de um contexto social que lhes era desfavorável.

Durante anos, os ternos foram realizados em Igatú, sempre tendo como objetivo “...o prazer pela devoção dos antigos”¹¹, declara Danúsia dos Santos. No entanto, “... com a morte de Dona Dudu e com a doença de Dona Isabel, que foi para São Paulo se tratar, aí desativaram o terno, porque ninguém mais fazia...”, conforme noticiado por Antônia Santana Silva.¹² Isso ocorreu por volta do final dos anos 70, início dos 80, quando a vila vivia o acúmulo de décadas de decadência econômica e o ápice da evasão populacional. Como reflexo de tais circunstâncias adversas, o Terno acabou sendo “esquecido”, desativado, e assim permaneceria pelas próximas duas décadas.

O TERNO RESSURGE SOB NOVAS CONDIÇÕES HISTÓRICAS E SOCIAIS

No início do século XXI, o artista plástico baiano, Marcos Zacariades, foi morar em Igatú, onde empreendeu a tarefa de gerir um museu a céu aberto, nas ruínas da Rua Luís dos Santos, para exposição permanente de objetos utilizados por antigos garimpeiros da região, conforme depoimento de Cinara Lessa¹³, moradora de Andaraí e amiga de Zacariades. Marcos viria a exercer um importante papel no retorno do Terno, conforme apreende-se de seu próprio relato¹⁴:

Uma das condições de meu trabalho é memória. (...). O Terno, eu tinha curiosidade de saber sobre ele...já tinha 23 anos que ele havia desaparecido...fui então, tentar resgatar esta manifestação. Sabe, antigamente tinham dois ternos, é muito interessante isso... Chamei algumas senhoras pra conversar, as pessoas que eu sabia que tinham entrado no terno no passado (...) e essa conversa já virou um ensaio. Eu percebia que todo mundo gostava do terno, ele deixou de existir porque a cidade estava em decadência, então todas as suas manifestações estavam decadentes. (grifo nosso)

Este discurso revela-nos que a importância do Terno ainda estava viva na memória de antigos participantes mesmo depois de duas décadas de aparente esquecimento e reforça as palavras do historiador Alfredo Bosi quando afirma que “A memória é o centro vivo da tradição...” (BOSI, 1987, 53). O Terno não estava morto, nem tampouco esquecido, ele estava apenas “adormecido” em meio às dificuldades diárias enfrentadas pelos moradores da vila na luta pela sobrevivência. Como elemento constituído e constituinte das tradições culturais locais, o Terno foi reativado ao menor esforço pois “...a cultura não morre (...). Se ela for, de fato popular, enquanto existir povo ela não vai morrer. Cultura popular é a cultura que o povo faz no seu cotidiano e nas condições em que ele a pode fazer” (BOSI, 1987, 44).

¹¹ *Idem*.

¹² Depoimento cedido por Antônia Santana Silva, 50 anos, em 21/01/2008 na sua residência, em Igatú.

¹³ Depoimento cedido por Cinara Lessa, em 20/01/2008, residente em Andaraí e confirmado pelo próprio Marcos Zacariades em Igatú em 22/01/2008.

¹⁴ Depoimento cedido por Marcos Zacariades em 22/01/2008 na Galeria Arte e Memória em Igatú.

Ao reunir antigas participantes do Terno, Marcos ajudou a acender uma chama que imediatamente pegou fogo, pois o acervo mnemônico, que retinha fatos e aprendizados da cultura popular e da tradição de oralidade na memória das pessoas da comunidade, estava latente. Este fato encontra eco nas palavras do filósofo Walter Benjamin ao afirmar que “a memória é a mais épica de todas as faculdades” (BENJAMIN, 1985, p. 210). Conforme depoimento de Marcos Zacariades,¹⁵ percebe-se que ao estímulo empregado, correspondeu uma resposta positiva da comunidade, ou seja, o discurso de Marcos encontrou ressonância em meio às antigas participantes, e isto determinou o sucesso do retorno do Terno:

Eu fiz a reunião numa segunda a noite que já virou ensaio, na terça e na quarta elas resolveram sair já pra rua, porque era Semana Santa. Foi uma coisa muito rápida, espontânea. Você via que ainda estava muito forte a vontade, só precisava de um estímulo...

Desta reunião, realizada na casa das irmãs Monteiro, participaram dentre outras pessoas, Danúsia dos Santos, que era a única que ainda recordava-se vividamente dos benditos entoados por sua mãe e assumiu a partir de então, um papel destacado de líder do Terno. Hoje, ela é conhecida em Igatú como a “dona” do Terno.

No entanto, segundo Danúsia e Antônia Santana, o Terno que ressurgiu em 2003 é muito diferente dos anteriores, muito menos rígido. Primeiro, porque já não são mais dois ternos, mas apenas um. Neste, as fronteiras sociais e simbólicas foram flexibilizadas frente às alteridades. Mulheres, jovens e crianças a partir dos 5 anos, acompanhados ou não por um responsável, podem participar. As estações que antes eram rigorosamente em número de sete, agora são quatro ou cinco, de acordo com a resistência dos participantes e se o tempo na região estiver favorável. Com chuva forte, faz-se apenas duas ou três paradas. O outrora silêncio que reinava entre os partícipes enquanto peregrinavam, foi substituído por risinhos abafados e conversas paralelas entre jovens que não entendem ou não respeitam a ritualística que envolve o Terno. A tudo isso, acrescenta-se a presença crescente de turistas, pessoas estranhas ao ritual, que na maioria das vezes, ignoram seu significado e vêem o Terno apenas como uma manifestação religiosa exótica. Danúsia dos Santos ressentia-se com a falta de respeito¹⁶ e com a pouca importância dada ao ritual por pessoas de fora da vila e pelos jovens moradores do local:

Os turistas não sabe a importância do Terno pra gente. Eles acha bonito, bacana, mas não entende não. Os jovens também (...). Eles acham que é para se divertir, que pode ficar rindo, conversando, não levam as almas com respeito. Pior, tem uns que quando a gente passa, joga pedra, areia na gente, puxa o lençol, chama a gente de alma penada, de agourenta (...) as almas é coisa de respeito, não é molequeira.

Esta tensão existente entre elementos novos e mais velhos da comunidade, fez com que no Terno realizado em 2008, uma parte considerável dos mais de 60 participantes, fosse “convidada” a se retirar da procissão pois estavam tumultuando o ritual. Segundo Marcos Zacariades¹⁷, uma parcela dos jovens de Igatú fazem do Terno, “...um oba-oba, uma oportunidade de fazer algo diferente, somente isso. Não entendem a ritualística envolvida”. O resultado é que na Sexta-feira da Paixão, fim do ciclo da Quaresma, dia em que se realiza o último e mais importante terno do ano, havia apenas 23 pessoas participando e três turistas

¹⁵ *Idem.*

¹⁶ Depoimento cedido por Danúsia Leite dos Santos em 21/03/2008 na sua residência em Igatú.

¹⁷ Depoimento cedido por Marcos Zacariades em 21/03/2008 em Igatú.

acompanhando. Percebemos que para alguns elementos da vila, o Terno é uma opção de lazer e um espaço de sociabilidade, em meio a um lugar carente de atividades que envolvam os jovens. Para estes, o ritual não possui o mesmo significado que para os mais velhos.

Este novo Terno, além de não ser mais tão rigoroso na forma e na conduta como os antigos, também está inserido na proposta do turismo para a região, de valorização dos elementos culturais de forma sustentável. Marcos Zacariades, um homem envolvido no mundo das artes e sensível aos ventos da mudança, incorporou a esta manifestação cultural um valor comercial até então ausente. Ele filma o Terno e comercializa os filmes, divulgando o evento e atraindo pessoas para a região. A publicidade em torno do ritual tem fomentado o turismo cultural e religioso e como consequência, tem aumentado o fluxo de visitantes, propiciando um incremento na oferta de empregos que tem proporcionado aos igatuenses uma melhor condição de vida, minimizando o fantasma do desemprego, da evasão populacional e da pobreza.

Isto, no entanto, não impede que o choque entre o passado e o presente ocorra. Não são todos os participantes que se agradam das filmagens e mesmo da presença dos turistas na vila, pois a propaganda acerca do Terno e das belezas de Igatú, têm atraído também elementos indesejáveis para a comunidade, que destoam de suas tradições e costumes. Danúsia se queixa¹⁸ que “...hoje tem drogas, maconheiro, hippie cabeludo, tudo morando por aqui. Antes não tinha nada disso. Tá certo que eles trás dinheiro, emprego, mas eles não entende nossos costumes.”

Quanto à questão da geração de lucros, a postura de alguns dos antigos participantes do ritual é a de encararem isso como sinal de desrespeito aos mortos e de deturpação da função real do evento para a comunidade, qual seja, a de manter na memória dos vivos o respeito pelos mortos, pois eles “são a memória da família e é também através deles que se traça a sequência lógica da sua continuidade” (BRANDÃO, 1986, p. 188). Danúsia¹⁹, a atual líder do Terno, manifesta-se desfavoravelmente diante da possibilidade de ganho monetário, e reafirma isso ao declarar que:

O Terno não é pra ganhar nada não. Nós nos apresentamos em Palmeiras e no Capão e ganhamo sabonete, chá, mas nós faz isso pela devoção dos mortos mesmo, não é por dinheiro, num é pra ganhá as coisas. O Terno não é pra ganhá dinheiro, nunca foi. (...) O Terno é pra reza pelas almas. Minha mãe já rezava, agora eu rezo pela minha mãe, pela minha avó, por um mundo de gente. Quem é que não tem seus mortos pra rezá?

CONCLUSÃO

O Terno das Almas de Igatú de Xique-Xique, enquanto tradição “adormecida” teve sua recuperação, como resultado de um processo de adaptações e ressignificações. Sua base simbólica permaneceu, mas os atores envolvidos, a ritualística e as motivações, dentre outras questões, são novas. Vale enfatizar que a dinâmica cultural, econômica e social da comunidade mudou e como não é possível “congelar” as tradições, engessando-as no tempo, o Terno reapareceu em 2003 sob novas condições históricas.

¹⁸ Depoimento cedido por Danúsia Leite dos Santos em 21/03/2008 na sua residência em Igatú.

¹⁹ *Idem.*

A tradição não é estática, ela necessita da dinâmica própria da ruptura, pois de outra forma, ela estaria fadada ao desaparecimento. Ela é moldada na passagem do conhecimento de uma geração para a outra, seja através da oralidade ou da escrita, mas são as incorporações que permitem que a tradição se revitalize.

A tradição (...) na medida em que afasta qualquer possibilidade de ruptura, ela se quer perene e eterna, sem aperceber-se de que a ausência de movimento termina condenando-a à estagnação da morte. A necessidade da ruptura se torna, em consequência, imperiosa, para restituir a dinamicidade ao que parecia “sem vida”.(BORNHEIM, 1987, 15).

Marcos Zacariades é um personagem polêmico em meio à vila de Igatú. Ele é respeitado por alguns como sendo o elemento catalisador do retorno do Terno, que abriu um leque de possibilidades antes não aventadas pelos moradores da vila que não vislumbravam uma função prática no ritual, mas apenas religiosa, contribuindo para colocar Igatú na rota do turismo cultural e religioso. Por outros, no entanto, Marcos é visto com ressalvas, como um agente que interfere nos antigos costumes, com suas idéias de incorporações de modernidade. No entanto, esta não parece ser a intenção de Marcos, pois ele garante²⁰ que seu trabalho restringe-se aos bastidores do Terno:

Eu contribuo, eu não organizo. Eu oriento, dou suporte, mas deixo que eles façam do jeito deles (...) quanto menos eu aparecer, mais meu trabalho fica melhor e mais consequentemente, eu apareço de uma outra forma, pela qualidade do meu trabalho.

Esta declaração choca-se com a percepção de alguns segmentos da vila, tendo um deles – cuja identificação prefiro manter no anonimato, para evitar maiores constrangimentos– manifestado-se sobre o que ele entende ser a real intenção de Marcos: “Ele quer o monopólio do Terno (...). Mas o Terno é da comunidade, não é dele”. Este depoimento é revelador da desconfiança de alguns sujeitos sociais da comunidade de que a atuação de Marcos seja parte de uma estratégia de controle e um mecanismo para expropriar da população este rico “bem” cultural.

A história do Terno é a história de sujeitos sociais que se tensionam quanto à forma de conceber e de se apropriar do ritual religioso como uma possibilidade, quer de renovação, quer de manutenção das tradições. A retomada do evento está longe de representar um consenso em Igatú, o que expressa modos de vida, de percepção e de relações distintas com o sagrado.

O diálogo entre o antigo e o moderno sempre foi difícil, pois faz parte da dinâmica histórica a resistência às mudanças, pois a tradição se quer permanente, enquanto a história busca a mudança, a renovação. (BORNHEIM, 1987). Neste sentido, recuperar a história do Terno em Igatú, impõe-nos também a obrigatoriedade de revisitarmos a tradicional tensão existente sempre que um historiador se apropria de um determinado tema de pesquisa: a questão das rupturas X continuidades, pois “tradição e ruptura se espelham reciprocamente, e a dialética dos dois termos esclarece a quantas andamos nessa grande esquina que é a história de nosso tempo.” (BORNHEIM, 1987, p. 29).

²⁰ Depoimento cedido por Marcos Zacariades em 22/01/2008 na Galeria Arte e Memória em Igatú.

Portanto, importa-nos pesquisar o que o Terno manteve preservado de seus aspectos simbólicos e religiosos, o que de novo foi instituído, além de aprofundarmo-nos no que de antigo foi ressignificado. Assim, buscamos recuperar o sentido e o significado que o Terno das Almas tem para os moradores de Igatú. Ao tempo em que, procuramos apreender, ainda, nesta manifestação cultural as tensões de classe, as redes de solidariedade, bem como, o que tem significado como espaço próprio de relação com o sagrado e também como espaço de sociabilidade.

REFERÊNCIAS

AZZI, Riolando. **O Catolicismo Popular no Brasil. Aspectos históricos.** Edit. Vozes. Petrópolis: 1978. 156 p.

BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura.** V.1. Edit. Brasiliense. Rio de Janeiro: 1985. p. 210.

BORNHEIM, Gerd A. **O Conceito de Tradição.** In: BORNHEIM, GERD *et al.* *Cultura Brasileira. Tradição/Contradição.* Jorge Zahar Editor/Funarte. Rio de Janeiro: 1987. 17 p.

BOSI, Alfredo. **Cultura como Tradição.** In: BORNHEIM, GERD *et al.* *Cultura Brasileira. Tradição/Contradição.* Jorge Zahar Editor/Funarte. Rio de Janeiro: 1987. 28 p.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Os Deuses do Povo. Um estudo sobre religião popular.** 2ª ed. Edit. Brasiliense. Rio de Janeiro: 1986. p. 188.

BRITO, Francisco Emanuel Matos. **Os Ecos Contraditórios do Turismo na Chapada Diamantina.** EDUFBA, 2005, 418 p.

GOMES, Josildete. **Povoamento da Chapada Diamantina.** Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, nº 77, 1952, p. 221-238.

PEREIRA, Gonçalo de Athayde. **Memória Histórica e Descritiva do Município de Andaraí.** Secretaria Municipal de Educação. Salvador: 1937. 89 p.

PIERSON, Donald. **O Homem no Vale do São Francisco.** Tomo I. SUVALE. Rio de Janeiro: 1972. p. 146.

ROLNIK, Raquel. **História Urbana: História na Cidade?** In: FERNANDES, Ana (Org.). *Cidade & História. Modernização das cidades brasileiras nos séculos XIX e XX.* UFBA, Salvador: 1992, p. 27-31.

SENNA, Ronaldo de Salles. **Passado Projetado e Presente Anterior: o século XX que foi possível traduzir.** In: NEVES, E. F. *et al.* *Bambúrrios e Quimeras. Olhares sobre Lençóis: narrativas de garimpos e interpretações da cultura.* Feira de Santana: 2002. UEFS. p. 215-249.

SILVA, Cândido da Costa. **Roteiro da Vida e da Morte. Um estudo do catolicismo no sertão da Bahia.** Edit. Ática. São Paulo: 1982. 94 p.